

## SERGIO BENCHIMOL: HAQUITIA EM FAMÍLIA

Lembro, ainda pequeno, de minha mãe se aprontando para sair com meu pai para alguma festa, o que já me deixava um pouco apreensivo, ainda mais vendo-a enfurecida, com seus grandes olhos azuis de Cohen, arregalados, fixados num pequeno baú onde guardava as jóias da casa.

-Malograda!

-Malograda de la sarrená!

-Foi ela!

-Ficava me cacheando só pra saber donde tenia las joias.

-Calmate, dizia minha avó.

-Não te guarleies, procura bien.

-Como não me guarlear? Ela ralampeou meus brincos favoritos! Desgraciada, malograda, ralampona!!!

Eu já estava quase chorando, assustado com a fúria crescente de minha mãe, quando baixei a cabeça, meio envergonhado, pra não demonstrar meu estado emocional, quando vi algo brilhando no chão. Me abaixei e peguei o que achei, um par de brincos embolados.

Sua expressão mudou imediatamente.

-Achou!

-Te disse, procura bien.

Ganhei um abraço apertado e perfumado.

-Lamarga de la sarrená... no és mala... és buena...

Em outra ocasião andávamos na rua indo pro cinema quando ela me puxava e dizia,

-Anda, cacheia o sarrem... parece que é sotè... ou está charbeado...

Foi quando percebi um vulto passar ao nosso lado, cambaleante.

-Ai, que golor! Deve estar todo rarreado!

Fiquei nauseado. Entramos no cinema e nem me lembro do filme.

Fizemos uma viagem de sonho quando tinha 12 anos. Uma volta ao mundo! Meus pais, eu, minha irmã Lia, meus tios Samuel e Mery, e meus primos Jaime e Nora. Foram mais de 60 dias passando por locais exóticos com muitas histórias. Minha tia e meus primos tinham um vocabulário de Haquitia grande e falávamos regularmente.

Uma noite, em Paris, saímos para jantar e tivemos que esperar no bar do restaurante antes de entrar.

Minha irmã que gostava, e ainda gosta, de tirar onda, se vira pra minha prima e diz:

-Tem um sarrenito te cacheando... acho que ele gostou de você...kkkkkk.

-Até que é bonitinho...kkkkkk.

Foi quando ele se aproximou sorrindo e falando em espanhol. Era um restaurante marroquino, não havia segredos em Haquitia.

Pra terminar, anos depois, também em Paris, numa outra viagem em família, com meu tio Moyses, minha esposa, meus filhos pré adolescentes, minha irmã e suas filhas, caminhávamos na rua em direção do Bateau Mouche, quando a turma jovem inventou um pagodinho pra esquentar aquela tarde fria e cinzenta. A letra era assim ( a melodia fica por conta do leitor):

“ Safoniej,

na cara do sarrem,

ficou sorè, ficou sotè,

e seilá mais o que!

Safoniei...”